

OVELHAS ELÉTRICAS

Luciano Cabral

se cronometrado desde o início do seu processo, fica comprovado que a duração do ato não ultrapassa trinta minutos, como o tecido humano compõe-se de material inerentemente imperfeito, ele necessita preservar, em primeiro lugar, suas funções básicas e, se for o caso, recusar as funções secundárias, isso explica a falta de resistência e o curto tempo do intercurso, deve-se observar, no entanto, as mudanças que o corpo humano apresenta durante o ato, apesar de a medicina acreditar que existam encadeamentos biologicamente intrincados atuando, este corpo responde aos estímulos de forma repetitiva e previsível, por conta disso, é preciso apenas estar atento a uma sequência de comportamentos determinados, estes sofrem variações, e isto é o que certamente os tem levado a alegar que são seres complexos, na verdade estas variações são recorrentes e podem certamente ser reproduzíveis, bastando observação para que se possa imitar o comportamento fidedignamente.

‘levanta, você precisa ir embora’

‘agora?’

‘agora’

‘que horas são?’

‘hora de outro cliente’

‘eu pago, você manda o cara embora’

‘nós já conversamos sobre isso, sua calça está ali’

‘posso tomar um banho, pelo menos’

‘se for rápido, pode’

enquanto ainda apanha a calça e o resto da roupa pelo chão, Isidoro recebe uma ligação da esposa, quer saber se ele voltará para casa, quer conversar, quer pedir desculpas e precisa fazer isso cara a cara, é o que ela diz, durante o tempo em que Isidoro ouve a voz de Irana no sincrofone, seus olhos acompanham Raquel, ela se levanta da cama, penteia os cabelos na frente do espelho, verifica alguma coisa nas

virilhas, que Isidoro não consegue saber o que é, veste o colã e vai para a cozinha, ele poderia continuar na cama sonhando com todos os animais ainda não extintos da fauna, poderia pedir a chave para entrar quando quisesse, poderia pedir para Raquel ser menos apática na despedida, mas o que ele pede é algo para beber apenas, nada responde à esposa, desliga o sincrofone, leva a roupa para o banheiro e abre o vaporizador, na cozinha, Raquel liga a tela, o repórter entrevista uma especialista que diz acreditar que, dentro de poucos meses, a Terra estará livre de andróides, o método de identificação tem se tornado cada vez mais confiável e as perguntas cada vez mais eficazes, Raquel desliga a tela antes que a especialista volte a falar e põe água quente num copo, depois do banho, Isidoro vai para a cozinha e senta-se numa cadeira perto de Raquel, ela empurra o copo e uma cápsula de cafeína e outra de sacarose para Isidoro.

‘eu posso voltar mais tarde?’

‘que horas?’

‘meia hora antes do toque de recolher?’

‘sim’

Isidoro joga a cápsula na água, fica observando até que ela se dissolva completamente no fundo do copo, a água escurece, ele toma um gole.

‘isso pode ficar mais doce’

Isidoro vai até à pia, de dentro de um frasco, ele retira mais uma cápsula de sacarose.

‘são quantos hoje?’

‘não faça esta pergunta’

‘o que eu fiz?’

‘não gosto quando você faz essa pergunta’

‘mas você diz que eles não são homens pra você, são só números’

‘pra mim, são sempre números’

‘então, qual é o problema?’

‘e pra você?’

‘números também, nada mais, nada mais que isso’

Isidoro fala com certa aflição na voz, volta para a mesa, conserta o corpo sobre a cadeira, joga a cápsula no copo, bebe o café, Raquel concentra-se nos olhos dele, que piscam mais do que o normal, na íris, que retrai e dilata repetidas vezes, ela despeja água fria no copo e arremessa uma cápsula de ácido cítrico dentro dele, espera alguns segundos até que o ácido se misture à água e bebe.

‘isso é laranja?’

‘limão’

‘posso provar?’

Raquel deixa que Isidoro pega seu copo, ele toma um gole e sente a acidez perturbar sua língua, empurra o copo na direção de Raquel, num gesto de recusa, levanta-se da mesa e vai buscar outra cápsula de sacarose.

‘como você consegue beber isso, está azedo demais’

‘eu gosto’

‘parece que você não tem paladar’

Isidoro tenta pegar o copo de Raquel, ela o puxa para mais perto de si, evitando a mão de Isidoro.

‘não precisa adoçar’

‘tem momentos que eu não te entendo’

os dois permanecem calados, Isidoro mexe com a cápsula de sacarose sobre a mesa, ele a roda com a ponta dos dedos, em sentido horário e anti-horário, Raquel toma o suco, ela insiste na íris de Isidoro, que continua mudando de tamanho de forma incerta.

‘você não acredita em mim, não é?’

‘do que estamos falando agora?’

‘você não acredita em mim’

‘não acredito em quê?’

‘eu só quero saber quantos são’

Raquel pega a cápsula de sacarose por entre os dedos de isidoro e arremessa-a no suco, a cápsula permanece flutuando no líquido.

‘só me diz quantos são’

‘não’

‘são só números pra mim também’

‘não são’

‘já disse que são’

‘se fossem, essa pergunta nem teria sido feita’

a primeira mudança de comportamento é a alteração da respiração e dos batimentos cardíacos, com aceleração de ambos ainda antes do intercurso, as narinas alargam-se para facilitar a passagem de grande quantidade de ar, o tórax movimenta-se com mais rapidez, inspiração e expiração acontecem em espaços mais curtos de tempo, o coração sobrecarrega-se e eleva o fluxo sanguíneo no corpo, certas veias, como a jugular, evidenciam-se por conta disto, em espécies mais claras, é possível notar alterações na cor da pele do rosto e do pescoço principalmente, o corpo humano também produz secreções, a mais importante a se imitar, porque mais visível, é o suor, que comprova o esforço físico dispensado ao ato, o suor é o elemento que atesta a veracidade da energia dispensada, a quantidade e facilidade com que é produzido sofre variações mas deve-se fazer com que gotas escorram pelos poros para que o esforço seja considerado significativo.

‘deixa eu te secar’

‘você também está todo suado’

Raquel usa o próprio lençol da cama para enxugar o rosto de Holden, que tem uma cicatriz longa perto do olho, aquele apartamento é bem pequeno se comparado com o de Holden mas ele acha suficiente, o cômodo que os dois mais usam é o quarto, há ali uma cama, um espelho, uma poltrona com uma mala sobre o assento e duas ou três caixas num canto, sentindo a ponta do lençol secar seu pescoço, Holden observa aquele pequeno espaço decadente, quente, abafado, afastado da vigilância ininterrupta da cidade, o apartamento de Raquel não deve valer mais que três mil yuans, o dele vale trezentas vezes mais, quando ela para de secá-lo, Holden descobre-se e sai da cama, Raquel ajeita os lençóis sobre o corpo, deixa os braços e seios descobertos, Holden vai até à janela.

‘esse lugar precisa de ar fresco’

‘não!’

Raquel grita e salta da cama, corre até a janela, empurra a mão de Holden para longe da tranca e coloca-se na sua frente.

‘não abre a janela’

‘por que não? está calor aqui dentro’

‘a janela fica fechada’

‘tudo bem, tudo bem, janela fechada, entendi’

‘deixa a janela fechada’

‘tudo bem, fica calma, já entendi, vem aqui, entendi, a janela fica fechada’

Holden abraça-a e a conduz de volta para a cama, os dois se deitam e Holden puxa o lençol para cobri-los, ele afasta alguns fios de cabelo do rosto de Raquel e começa a beijá-la, a barriga encosta, a mão corre pelas costas, a língua entra pela boca e pede reciprocidade mas Raquel recusa.

‘você precisa ir embora’

‘agora?’

‘agora’

‘por quê?’

‘tenho outro cliente’

as ruas daquela região da cidade parecem não levar a lugar algum, um emaranhado de curvas e retas malfeitas aparentemente sem sentido, uma mistura de óleo e água borbulha das rachaduras do asfalto, uma fumaça densa turva as esquinas, um ar escasso dificulta a respiração de Rico, ele cobre a boca com a mão para abafar o som da tosse, respira fundo, o lugar tem um cheiro incômodo, uma pilha de letreiros de estabelecimentos falidos emporcalha o caminho, é a primeira vez que Rico ultrapassa os limites do patrulhamento, ele retira o sincrofone do bolso e percebe que não há sinal, está indo muito longe desta vez, mais longe do que qualquer outro caçador que ele conheça, desviando da pilha de letreiros, Rico adentra um beco de paredes viscosas, seus dedos escorregam no concreto como se estivessem tocando saliva, a fumaça densa e o ar escasso ainda o acompanham, ele

abafa a tosse outra vez, o beco termina em um pátio descoberto, Rico olha para cima e avista luzes acesas em uma das janelas, quarto andar, sobe as escadas, os corredores são iluminados apenas pela claridade da rua, o lugar é deserto, decadente, desagradável, desprovido de vigilância, no quarto andar, Rico vê as luzes vazando por baixo da porta de um dos apartamentos, ele se aproxima, saca a arma, olha ao redor e não encontra nenhuma outra iluminação além daquela, não ouve nenhum outro barulho além daquele vindo do apartamento, ele bate à porta, a madeira gasta parece ter cedido só com as duas pancadas.

‘quem é?’

Rico escuta os passos chegando até a porta.

‘Isidoro, é você?’

a porta é entreaberta e Rico consegue ver um rosto feminino, ele hesita, a porta é rapidamente trancada, ele se afasta e chuta a porta, a madeira cede, a tranca é rompida, ele invade o apartamento e avança pelo corredor, Raquel corre para o quarto, pega a mala sobre a poltrona e para quando vê a arma de Rico apontada para ela.

‘por quê tentou fugir?’

Raquel segura a mala contra o peito, está pesada, ela olha para a janela, trancada, olha para a porta obstruída pelo homem empunhando uma arma.

‘o quê que você quer?’

‘estou procurando um fugitivo’

‘mentiroso’

‘só quero informações’

‘mentira’

‘só quero te fazer algumas perguntas’

‘quê perguntas?’

‘fica calma’

‘por quê você quer fazer perguntas?’

‘você já sonhou com ovelhas alguma vez?’

‘o quê?’

‘você já sonhou com ovelhas?’

‘quê pergunta é essa?’

‘responde!’

‘já, já sonhei’

a mala está mais pesada, Raquel dá passos para trás até que as costas encostem na parede.

‘essas ovelhas com que você sonhou eram reais ou elétricas?’

‘o quê?’

‘responde!’

Raquel deixa a mala cair no chão, tudo o que ela aprendeu deve ser posto em prática agora, sua respiração acelera, seu coração passa a bater mais forte, ela encara Rico enquanto uma das mãos sobe até o ombro, a alça do colã desce, parte de seu seio se mostra, outra alça desce e Raquel puxa o colã para baixo, descobrindo completamente os dois seios, eles se movem junto com sua respiração, mais para baixo, o colã desce o umbigo, a barriga, as veias do pescoço saltam, o sangue corre mais rápido, mais para baixo, o colã revela a vagina, a virilha, as coxas, os joelhos, ela termina de se despir e se afasta da parede.

‘fique onde você está’

‘você é um mentiroso’

‘não se aproxime’

‘fale baixo’

‘eu vou atirar’

‘não vai’

‘fique onde está, por favor’

‘você não veio aqui pra me fazer perguntas’

‘fica onde está’

‘ninguém vem até aqui pra me fazer perguntas’

‘fique onde está ou eu atiro’

o suor é indispensável mas ele somente não é suficiente, é preciso que o intercuro seja compreendido como uma relação recíproca, em outras palavras, é preciso

convencer de que seu comportamento emotivo é compatível com o ato, para imitar corretamente o comportamento desta espécie basta responder a certas práticas compartilhadas por eles, pensamentos, rituais, leis, reações a tais e tais experiências, entretanto, deve-se acima de tudo aprender a se afastar da razão, compreendamos de uma vez por todas que é inútil utilizar este elemento diante dos humanos, esqueçamos raciocínios complexos, para subjugar esta espécie é preciso saber seduzi-los.